

Bispo do Rosário, um equívoco

Certa feita, movido pela curiosidade, fui ao MAM no Rio de Janeiro ver uma exposição de Arthur Bispo do Rosário, tido pela crítica como um dos **monstros sagrados** da “arte contemporânea”. Foi uma experiência no mínimo hilária, que serviu para confirmar o equívoco que é a dita “arte contemporânea” de um modo geral, e, em particular, a produção desse “gênio”.

Antes, porém, de falar de minha experiência, apresentemos sucintamente o “artista” ao leitor.

Bispo do Rosário (1911-1989), descendente de escravos africanos, nasceu em Japarutuba, estado do Sergipe, mudou-se para o Rio de Janeiro em 1925, onde tornou-se boxeador, vindo também a trabalhar na Marinha Brasileira (época em que, segundo consta, teria viajado como marinheiro por vários países) e mais tarde na companhia de eletricidade Light.

Segundo algumas versões sobre sua vida, em 1938 teve uma espécie de delírio místico e, após peregrinar por várias igrejas do centro do Rio (então capital da república), subiu ao Mosteiro de São Bento apresentando-se aos monges como enviado de Deus e encarregado por Ele de julgar vivos e mortos. Inicialmente foi internado como doido no hospício da Praia Vermelha e, um mês depois, transferido para a colônia Juliano Moreira, onde, com o diagnóstico de “esquizofrênico-paranóico”, permaneceu até morrer e produziu toda a sua obra. Após sua morte, a colônia Juliano Moreira converteu-se no Museu Bispo do Rosário.

A obra de Bispo do Rosário constitui-se, além de inúmeros bordados, na utilização de sucata que ele recolhia para compor suas peças, sendo uma das mais conhecidas o seu “Manto da Apresentação”, que segundo Bispo ele deveria usar no dia do Juízo Final, e no qual estariam escritos os nomes das mulheres que ele haveria de salvar naquele dia.

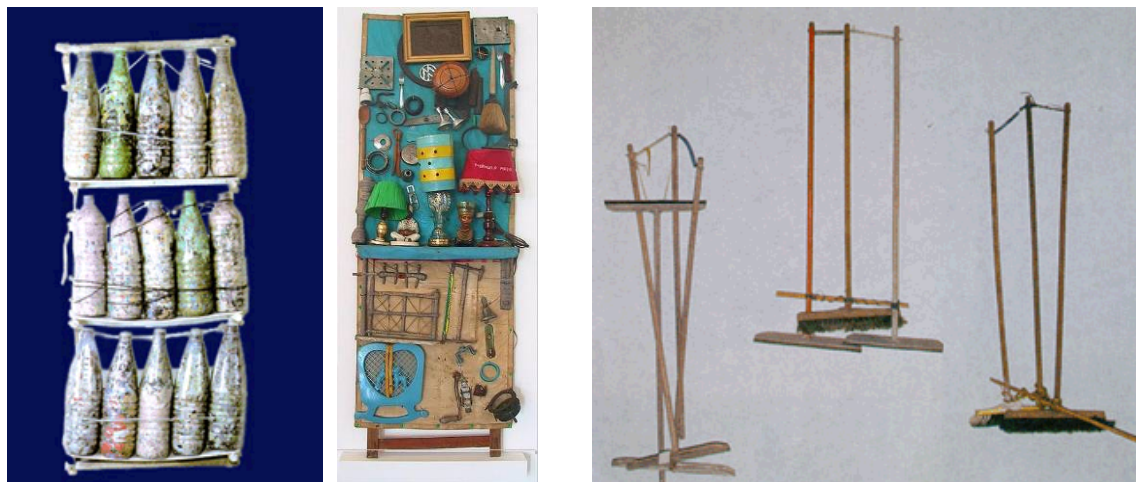


Bispo do Rosário em nenhum momento de sua vida pretendeu ser artista, provavelmente não tinha noção alguma do que fosse Arte, uma vez que já se encontrava completamente louco, e chegou mesmo a afirmar que aquilo que ele produzia, fazia-o em obediência a uma ordem divina, “não faço isto para os homens, mas para Deus”, dizia.

Ao penetrar no espaço do MAM destinado à mostra de Bispo do Rosário (então já falecido), a primeira impressão que tive foi a de ter entrado num lixão e, com algum esforço, procu-

rei evitar uma gargalhada. Dizem que rir é o melhor remédio, mas naquele momento contive-me a fim de verificar o que poderia aproveitar ali e não ter, mais tarde, de ver-me na obrigação de um *mea-culpa*.

Foi então que, perplexo diante do absurdo, percorri as salas em que fora dividido o imenso salão do MAM destinado à mostra, e tudo o que vi foi... lixo, lixo e mais lixo (como é possível, aliás, verificar através das ilustrações que aqui ficam como pequeno exemplo).

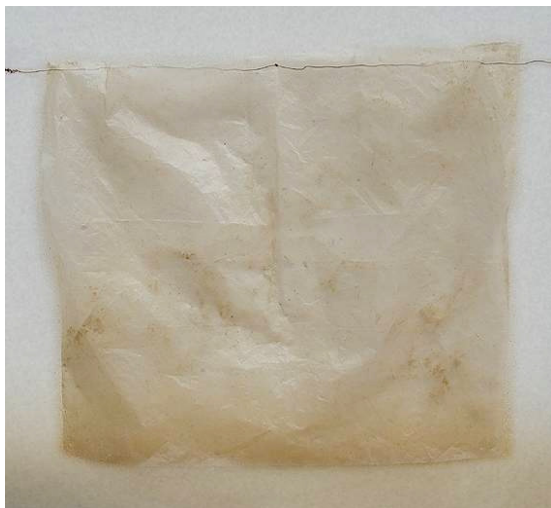


Era tudo muito feio, muito encardido e sujo, algumas composições apresentando às vezes uma mistura desordenada de objetos os mais díspares, às vezes objetos iguais em série. Pode-se falar em *assemblages*, mas sem qualquer vestígio de beleza, resultando no final das contas, e por incrível que pareça, numa mesmice de um canto a outro do salão (ora, se o leitor fizer a experiência de visitar um lixão, o que verá? Lixo. E não será sempre a mesma coisa, percorrer o lixão de um canto a outro, vendo sempre... lixo, lixo e mais lixo?).



Excetuando talvez os bordados, e mesmo estes apenas um artesanato desprovido de qualquer interesse, o resto não passa de delírios de um certo crítico, desses que sentem um avassalador orgasmo diante dos despautérios da dita “arte contemporânea”, que resolveu apresentar Bispo do Rosário ao mundo como um **gênio**: em 1980 fora feita uma matéria sobre ele para o Fantástico (TV Globo) e, dois anos mais tarde, o referido — mas aqui não nomeado — “crítico” faz a primeira mostra do lixão no MAM — e se insisto aqui na palavra “lixão” é porque qualquer peça do Bispo, se jogada num lixão, será indistinguível do resto que ali se encontra. Bela obra de arte!

A ausência de critério (ou seria melhor dizer, a presença de uma “esquizofrenia-paranóide”?) dos críticos de arte e curadores, hoje em dia, é o principal responsável pela confusão em que mergulharam as artes plásticas no século XX. Por falta de critério, talvez por insegurança para emitir uma opinião, ou mesmo por simples estupidez, qualquer coisa — não hoje, mas já desde muitas e muitas décadas — pode ser encarada como arte (vide o artigo **Arte Contemporânea — Absurdos e Desvarios**): basta que o pretenso artista afirme que aquilo é uma obra de arte a aponha ali sua assinatura, e todos acreditam — o público por inépcia, os críticos para gozarem seu orgasmo espúrio.



Pior é quando, como no caso de Bispo do Rosário, nem mesmo o próprio autor da obra pretende que aquilo que faz é arte!! Observe o leitor que, quando falo de falta de critério, não é levianamente: na imagem mostrada abaixo, em que vemos o referido “Manto da Apresentação” em primeiro plano, estão à mostra nas paredes ao fundo diversas obras do Bispo. Não se observa ali nenhuma composição, mas simples sucatas que, certamente, encontravam-se esparsas no meio do lixo que o “gênio” reuniu em volta de si. No entanto essas simples sucatas se converteram em obras de arte pelas mãos de Midas dos críticos e curadores!



No entanto, resistindo bravamente ao meu ímpeto de rir (não queria parecer bicho-domato, já que vivo — graças a Deus — na roça), lá ia eu percorrendo o MAM no meio de todo

aquele entulho, até que me deparei com o mais cabal exemplo de “esquizofrenia-paranóide” da crítica moderna de arte, o que corrobora de vez minha opinião acerca do **equivoco Bispo do Rosário**: num dos painéis, os curadores haviam pendurado, por meio de arames, diversos pedaços grandes de plástico muito encardidos. Fiquei curioso por saber o que seriam aqueles horrendos pedaços de plástico, e aproximei-me para ler o texto explicativo que havia ao lado. Por não lembrar-me, não posso reproduzir textualmente o que fora escrito, mas a idéia era mais ou menos a seguinte: “Estes plásticos, Bispo do Rosário os utilizava para embrulhar e proteger as peças que produzia. Não se pode, porém, passar por alto sua grande beleza plástica e seu intrínseco valor artístico”.

Pasme o leitor: aqueles plásticos encardidos não faziam parte das composições de Bispo do Rosário (!!!), senão que eram utilizados por ele **apenas para embrulhá-las e protegê-las**, mas os mui doutos críticos/curadores da exposição acharam por bem promovê-los também a “obras de arte” produzidas por Bispo do Rosário!

Imagine o leitor que o Portinari enviasse seus quadros para uma exposição, estando os mesmos protegidos contra poeira e acidentes por placas de papelão; mas, ao montar a exposição, a curadoria resolvesse também pendurar na parede, como se fossem obras de arte produzidas por Portinari, as ditas embalagens de papelão. Pois foi isso mesmo o que os curadores do Bispo no MAM fizeram.



Nesse momento não contive mais o riso.

No entanto não convém terminar estes apontamentos sem uma provocação e uma observação.

Primeiro quero provocar o leitor, ou provar sua perspicácia: uma das peças mostradas aqui é uma falsificação! Como se pode julgar pelo foi visto, falsificar Bispo do Rosário é simples: basta ir a um lixão, recolher ali uma sucata qualquer (de preferência bastante encardida), e nem mesmo os responsáveis pelo museu do Bispo serão capazes de distingui-la se misturada à totalidade de sua “obra”. Assim, para ilustrar este artigo, elaborei cuidadosamente uma falsificação a fim de propor ao leitor que dê uma espiada nas figuras aqui mostradas e procure identificar qual é a “obra falsa”.

Se não souber, veja a resposta no final.

A observação: há algum tempo assisti na TV a um documentário acerca de tratamento terapêutico pela música para os internos de um manicômio (parece que os internos apresentavam uma forma de loucura chamada Síndrome de Williams). Os internos obtinham melhor qualidade de vida divertindo-se com instrumentos musicais. A certa altura o documentário mostrou um jovem doido que fez uma apresentação para uma platéia (talvez composta de amigos e parentes dos internos, mas isso não ficou bem claro), tocando trombone. Durante alguns minutos o rapaz assoprou furiosamente o trombone produzindo toda sorte de roncos, rosnados e gru-

nhidos e ao final foi aplaudido. Ora, todos os presentes sabiam que aquilo não era música, que o jovem louco não apenas não sabia tocar trombone como não tinha qualquer noção de música, e também não apareceu ali nenhum crítico musical para levar aquele interno do hospício para a TV como se fosse um novo gênio da música contemporânea. Já nas artes plásticas, basta que um doido junte sucata para que apareça algum crítico de arte disposto a ver nele um gênio e em seus desvarios a mais genuína forma de arte jamais imaginada.

No final das contas, quem é, na verdade, o doido?



(A peça que não faz parte do acervo do Bispo é o plástico que ilustra a peripécia que vivenciei no MAM.)